

O ARBUSTO

~~O ARBUSTO; JORNAL CRITICO, LITTERÁRIO E NOTICIOSO.~~
THERESINA, ED. J.B. COUTO, PEDRO LEITE e A. DE
ABREU, 1878.

ANNO I 05 SET. 1878 - N. 8

OBSERVAÇÃO:

- O ORIGINAL APRESENTA PÁGINAS MUTILADAS, MANCHADAS
E/OU ILEGÍVEIS.

375

A Redacção do *Arbusto*
Rio de Janeiro

O ARBUSTO.



JORNAL CRITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

ANO I RIO DE JANEIRO, 5 DE SETEMBRO DE 1878. NUMERO 8.

O *Arbusto* distribuir-se ha duas vezes por mez. — Assigna-se a 1500 reis por trimestre. Pagamento adiantado. Os assignantes terão 5 folhas gratis e as excedentes a 40 reis.

THERESINA, 5 DE SETEMBRO DE 1878.

O ARBUSTO.

O zelo que nos desperta a sorte d'esta provincia a qual nos achamos intimamente vinculados, o interesse e patriotismo que seu futuro tenebroso e carrancudo nos inspira, faz-nos arrancar do coração debilitado pela descrença, um grito pungente e dolorido a bem de seus direitos menospresados, como pungente é o saudoso — adeus — do intervido nauta lutando com a força das ondas, como dolorido é o ultimo pulsar do moribundo, revolvendo-se nas alfombras da morte com os olhos amortecidos fitos, já, nas siderias regiões !...

Cultores sinceros das letras, timoneiro devotados do progresso e da instrução, depositores obscuros de mesquinhos obulos na arca sacrosanta das sciencias, quando apenas começavamos a sentir os primeiros impulsos do desabrochar, quando supõhamos um futuro risonho e deslumbrante, quando começavamos a sorver o rocio balsamico das flores olorosas das sciencias, quando, enfim, descortinava mos no horizonte limpido e diaphano a estrella nítida da instrução, eis que vemos, transidos de espanto, o desvanecimento das nossas mais caras esperanças: o enfraquecimento do pulsar das nossas fibras, o extinguir-se a flamma ardente que nos encendiava o cerebro, o horizonte tornar-se nublado e amedrontador, ao aroma embalsamado succeder o vento tepido e violento, ao ver a estrella deslumbrante da sciencia, sumida entre as dobras da nuvem negra da degeneração e da miseria !...

Espantosa realidade !...
Sim ! O benemerito e paternal ministro do imperio de então, estadista eminente e abalisado, se assim se pode chamar a ineptia personificada, fulminou-nos, com o raio mais brilhante de sua coroa, de um modo cruel e deshumano, suspendendo por tempo indeterminado, a vallidade dos exames d'esta misera e desditosa provincia, a nós infelizes desterrados que esgotamos até as fezes o calix da desventura, que esvazeamos pausadamente a taça amarga da ignorancia e da miseria !...
Sarcasmo pungente do destino !...

E, no meio de tudo isto, que papel representão os nossos representantes na corte ? !...

Que conta dão do diploma que levarão, arrancado, muitas vezes, com o riso da lisonja e da bajulação, da perfidia e do engano e outras até com a degradante posição do peccador arrependido ?

Tudo, tudo esquecido — imperando só o abuso e a prepotencia a fraude e o despotismo !...

Sim ! Quando lá na corte, no meio do borborinho das más paixões, relistellados nas preguiçosas e alfombradas cadeiras do Alcazar e da jogatina, entre os flocos esbranquiçados do louro — *havana* — ou no intervallo dos goles de uma chavena de café, assoma-lhe a ideia de que seu nome foi escripto nos annaes no parlamento pelas pontas das bayonetas tintas no sangue fracterno como out'ora o vencedor do Waterloo imprimia seu nome nas paginas da historia com a ponta de sua espada hertada no sangue dos vencidos, ou levado as urnas pelos esbirros de um governo reacciocenario e despotico, vem-lhe aos labios o riso sarcastico e contempla, prazenteiro, o horizonte denegrido de dores e de miserias que circunda esta degenerada provincia !

Sr. ministro do imperio: Se sois inspirado pelo mais puro patriotismo, se estais disposto a fazer o bem publico, em geral, se nada vos detem o passo, lançai vossas vistas para o estado lastimoso da instrução publica n'esta provincia que tem descido ao ultimo degrau de aviltamento, e erguia do abatimento em que se acha, rehaabelitando o seu credito desmoro-nado e restituindo-nos, a vallidade dos exames — que por um capricho excentrico nos foi tirado.

Perdoem-nos a vehemencia e energia da phrase, pois é o grito da consciencia, é um brado de indignação, é um protesto solemne ante a desconsideração com que somos tratados pelos Srs. ministros da coroa e representantes da nação.

Auto de A.

1 8 7 8

SETEMBRO - N. 8

Declaração.

Até hoje escrevi para os columnas d'este jornal artigos sob assumptos de mais alta transcendencia sob o pseudo titulo—o Catilina.

Tendo sido ultimamente encarregado de fazer um artigo sobre o estado anarchico da sociedade de Setembro pelos meus dois collegas de redacção, foi este attribuido perfida e malleciosamente ao nosso amigo—Francisco Gonçalves Meirelles-Filho, que não tem nem jámais teve a minima ingerencia com os negocios d'este jornal, pois mercê de Deus temos a precisa dignidade para assumir a auctoridade dos nossos escriptos.

Assim pois, não querendo que a responsabilidade de uns artigos recaia sobre outrem assignar-me-hei de ora em diante com o meu verdadeiro nome exceptuando a parte critica.

Agora, duas palavras aos parladores de esquina. Quando juntamente com meus dois collegas propuz-me a creação de um jornal, para n'elle escrever, é por que, permita-se-me a immodestia, tinha a presumpção de podel-o

A. Auto de Abreu.

LITTERATURA**Amor e beijos.**

Alem, muito alem, existe um Ceo,
Um oases de amor,
Onde crescem alegre, unidas, presas
Em beijos duas flores!

(...)

Em dous labios q' se unem existe um beijo,
E n'um beijo duas almas n'um só dia,
Em troca de um amor que nos dá vida
E nos enche de alegria!

Corre a vida mais ardente, alegre e pura
Com um beijo de amor!... um só sequer!
E quem de prazer não se extasia e morre
N'uns labios de mulher?...

O mundo é de amor!—gritão as aves,
As varseas, os regatos, as lindas flores!
Repete a creação, e Deos nos diz:—
O mundo é todo amores!

P'ra dores de saudades, crueis prantos,
E amargores que se tem na terra
Só ha por linitivo, o mel mais puro
Que um beijo encerra!

O que são beijos pois?... senão affectos
De dous labios que se unem pelo amor!
Tão brandos como é branda a viração
Como o aroma da flor.

E porque mulher de meus dourados sonhos
Anjo delecto, porpurinea flor,
Não pagas os affectos de minh'alma
Com um beijo de amor?

Muitas vezes a teos pés ella peregrina
Arde contente n'um feliz desejo:—
Implora de teus labios um encontro
Um doce e feliz beijo!

N'um beijo se contem inteira vida
De enleivo e calor, ...
São duas flores que no galho pendem
Borrifadas de amor!

São sempre duas almas que se entendem
N'um mar de ventura,
Ou dous anjinhos que a estreitar se unem
Para uma vida fuctura...

E porque minha donzella, casta e bella
Flor inda em botão,
Não pagas os affectos de minh'alma...
O amor do coração?

N'um beijo se contem inteira vida
De enleivo e calor;
Oh, ampara-me donzella n'esta vida,
Com um beijo de amor!

E o que ha pois na vida que nos cale n'alma
E nos prehencha o maior desejo...
Senão o encontro de dous labios puros,
Senão um beijo!...

Março.—1878.

Lilia Hovelfon.

Amor perdido.

Julguei-te um anjo em m'a vida errante
Porém fugio-me essa crença em breve!...
Avellino Filho.

Ultimo momento d'indifferença gelido.
Maria, escuta d'este peito meu,
Pungente queixa que em sorrir sarcastico
Ahi t'envia quem por ti morreu!

Ai!—dos teus labios o sorrir angelico
Fallou-me ao peito de prazer, de amor;
Mal eu pensava, que um sorriso perfido
Roubar-me vinha d'esta vida a flor!

Julguei-te um anjo nos meus sonhos candidos
Julguei-te pura qual ninguem te cre,
Mulher traidora, que em atroz perjurio,
Roubaste ao peito de prazer a fé.

Eu era a louca mariposa timida,
Que o fado improbo attrahindo a luz,

Encontra a morte n'essa chamma fervida,
Que a innocencia-co'o fulgor seduz.

E tu, Maria, foste a chamma perfida
Qu' a mariposa sem ter dó queimou;
Hoje só resta meu cadaver livido,
Que est'alma ardente por t'amar—murchou!

Ah! de que serve n'este mundo improbo
Entre tormentos sem amor passar,
Se a crença ardente n'um sorriso magico
Fugiu-me d'alma p'ra não mais voltar?!

Ai! n'este mundo de passar ephemero
Meus dias fogem n'um penar cruel;
Em taça cheia de veneno putrido
Libei sem forças d'armadura o fel.

Debalde os risos d'esse mundo sordido
Folguedos venham a mostrar-me aqui;
Gritam debalde co' essa voz magnifica
—Não me seduzem—p'ra gosar—morri!!...

2 de Setembro de 1878.

Baptista Couto.

O Caixeiro.

O pobre caixeiro lastima sua sorte,
Contando os rigores que tem supportado,
Cumprido destinos que a sorte dictou-lhe
Soffrendo pirigos! do mundo enfadado.

Sentindo saudades da casa paterna,
Vai para a cidade cumprir o dever,
Que o pai estromoso já dera a palavra
Ao rico logista; não quer aquiescer.

Chegado que é em casa do amo
Começa na vida, d'amargo soffrer
E o nobre ricaço lá de quando em vez
Desperta-o gritando: «Não tem que fazer?»

Com riso nos labios s'ergue o caixeiro,
Soffrendo as injurias do grande villão;
Não quer repellir-o, nem pôde fazel-o,
E triste coitado se encosta ao balcão.

Assim acha o dia comprido, enfadonho
Dá graças a Deus o dia acabar;
Vai té alta-noite com somno abatido
Esperando que as portas lhe mandem fechar.

Cançado, massado vai logo deitar-se
Não pôde ir ao banho nem mesmo ao passeio,
Assim passa a vida no mundo tão triste
Sem ter um descanso, siquer um recreio.

E' sempre tractado com muito depresso
Amigo no mundo não tem, não, de certo!
Por que o patrão raivoso, avarento
Não quer que com elle se falle de perto.

E' vida tyranna, a do pobre caixeiro
Que conta das ordens do amo quer dar
Por que é melhor ir para o inferno
Ou então n'um cárcere s'enserrar.

Bem tolo é aquelle que está descansado
E nessa carreira—se vai comprehender;
E' cego coitado, ignora a tal vida
Então está louco; não tem que fazer.

1.º de Setembro de 1878 —Pedro Leite.

A PEDIDO.**Houtra ao merito.**

Aproximando-se o dia 7 de setembro, no meio de uma multidão de pretendentes baldos do minimo titulo de recommendação e serviços, temos a honra de apresentar aos Srs. socios a seguinte chapa que composta de propugnadores infatigaveis a bem dos interesses da mesma sociedade, não pode deixar de ser erguida nos broqueis do mais esplendido triumpho:

Assembléa geral.

Presidente.—Dr. Epiphanio de Bitencourt.

1.º Secretario.—A. Rubim Filho.

2.º " —Gentil Independente.

Orador—Major Antonio Gentil.

Directoria.

Presidente—Satyro Pinto.

Vice-presidente.—Antonio Marques.

1.º Secretario.—Meirelles Filho.

2.º " —José Avellino Filho.

Tesoureiro—João Lima.

Director do palco—Francellino Reis.

Director do theatro—Sinval Rios.

COUSAS E LOUSAS.

Depois de longa ausencia eis-nos outra vez de lança em vista despostos a lutar com denodo pelas mais sacrasantas das causas, a pugnar com aprego pelos interesses da sociedade, a resistir aos duros e mortyferos golpes da calumnia e da inveja, a receber com riso do desdem nos labios os motejos e vociferações dos invejosos, e calumniadores, estes entes damninhos e malfazejos, que em contacto com o vicio e a corrupção, procurão, inbecéis, infecionar-nos com o seu halito pestilento e nauseabundo!...

Parvoice e imbecilidade personificadas!... Desconhecendo os sentimentos de honra e pundonor, acostumados ao servilismo e baixa-sa, procurão estes entes despeitados, a ferir

os sentimentos d'outrem pela titol: dos seus instiactos sempre eivados de oçio e de rancor de insensatez e demencia!...

Emfim, deixemos os vermes da sociedade darem pasto a inveja e a maledicencia, a calumnia e a infamia, deixemol-os cumprir a sua misera e degenerada sina, arrastando uma vida de torpezas e miserias e procuremos des-empenhar em quanto o comportar as nossas forças pbisicas e intellectuaes a nossa ardua, porem, grandiosa empresa!...

Panhamos esse pontos nos—ii.

Não leste o ultimo numero do «Echo»?...
Que estylo sublime e arrebatador!...
Que linguagem grandiloqua e corrente!...
Eu sempre tive um palpito de que aquelle menino Joãosinho havia de dar p'ra alguma cousa!...

Aquillo sim... aquillo é que é escrever, ler e fallar correctamente a lingua portugueza!...

Que estylo!
Que talento!
Que *engenho*!
Que portento!...

Este Joãosinho vale, sem tirar nem por a grammatica portugueza em peso, medida, grossura o quadratura!...

«Avante Joãosinho, na senda brilhante,
Que a todos escólhos haveis de arredar!
Não temas os risos de vis invejosos.
Que a c'roa de gloria haveis de alcançar!

«Prosegue orgulhoso, mostrando o engenho
Dos filhos nativos da ilha Terceira,
Ceboulas, batatas de solo tão bello
Carneiros e cabras da ilha madeira!

O' João que relamborio é este?...
Onde tens te metido?...
—Tenho me visto em bombas!...
Meti-me no diabo desta redacção...
—Então pelo que vejo não ensinas mais portuguez em casas particulares?...
E' verdade, abandonei isto... não me dava lucro algum...
Estes portuguezes... estes portuguezes...

Informão-nos que lá pelas *rigides etherias* preprara-se uma formidavel sarabanda aos pobres escrevinhadores deste jornal...

Os manés-setembristas estão irritados, a colera celeste se desencadea com furor nunca visto sobre estes *miseros e desvallidos* mulsumanos...

Temperatura do ar!...
Srs. da *panellinha*
De joelbos lhe pedimos,
Tenhão de nós compaixão.

Não consintão, não permitam
Morte tão affrentosa!
Qual uma degolação!

Protestos.

Ainda uma vez os amantes da moralidade e decencia publica veem protestar o seguinte:

Protestamos contra o *redingote* de certo pedante, janota de uma figa porque é escarneo a moralidade publica;

—Idem contra a *frequencia e asseduidade* dos Srs. lentes d'aquella casa do—A B C....

—Idem contra a *bonitesa candura e graça* de certo *pergamamista* de jaqueta....

—Idem contra a *golodice* de certo atracador de figura...

—Idem contra a *avelludada* cor de certo municipalista de *chupeta, caximbo e curnim-bogue*...

—Idem contra a *philustria* d'aquille *perendeugue* douto, engarrado janota, rabequista sem rival...

—Idem contra o deliço incuria e desmabelle d'aquelle *moçambique* empregado....

—Idem contra, *afluencia, eloquencia, arrebatamento, maçãs, uvas, p'ras, batatas e ceboulas de certo jornalzinho*...

—Idem contra o *engenho engenhoça, sapiencia e sabedoria do moço louro e azulado*...

Idem contra os SS de certo—cujos...

—Idem contra o astrologo da rua Grande...

—Idem finalmente, contra os effisores da decencia e moralidade publica.

Desta vez caros leitores.
Temos por cá novidade...
Deixou-nos p'ra sempre o João
Por ter muita actividade...

Esta falta foi suprida
Por lindo e cheiroso cravo
Exultem, todos alegres...
E' tangedor o Gustavo....

NOTICIARIO.

Exames.—A falta de validade dos exames desta infeliz provincia, tem sido causa de retirar-se d'aqui moços intelligentes que podião fazer aqui seus preparatorios; entre muitos que se teem retirado, partio no dia 1.º do corrente para a capital do Maranhão o nosso amigo Cesar Santos.

Desejamos que faça feliz viagem e que breve trilhe a senda em que se encaminhou.

Theresina—Edictores proprietarios—J. B. Couto, Pedro Leite e A. de Abreu—1878.

os sentimentos d'outrem pela titole dos seus instiactos sempre eivados de ocio e de rancor de insensatez e demencia !...

Emfim, deixemos os vermes da sociedade darem pasto a inveja e a maledicencia, a calumnia e a infamia, deixemol-os cumprir a sua misera e degenerada sina, arrastando uma vida de torpezas e miserias e procuremos des-empenhar em quanto o comportar as nossas forças phisicas e intellectuaes a nossa ardua, porem, grandiosa empresa !...

Panhamos esse pontos nos — ii.

Não leste o ultimo numero do «Echo»?...
Que estylo sublime e arrebatador !...
Que linguagem grandiloqua e corrente !...
Eu sempre tive um palpite de que aquelle menino Joãozinho havia de dar p'ra alguma cousa !...

Aquillo sim... aquillo é que é escrever, ler e fallar correctamente a lingua portugueza !...

Que estylo !
Que talento !
Que engenho !
Que portento !...

Este Joãozinho vale, sem tirar nem por a grammatica portugueza em peso, medida, grossura e quadratura !...

« Avante Joãozinho, na senda brilhante,
Que a todos escolhos haveis de arredar !
Não temas os risos de vis invejosos.
Que a croa de gloria haveis de alcançar !

« Prosegue orgulhoso, mostrando o engenho
Dos filhos nativos da ilha Terceira,
Ceboulas, batatas de solo tão bello
Carneiros e cabras da ilha madeira !

O' João que relamborio é este ?...
Onde tens te metido ?...

—Tenho me visto em bombas !...

Meti-me no diabo desta redacção....

—Então pelo que vejo não ensinas mais portuguez em casas particulares ? !...

E' verdade, abandonei isto... não me dava lucro algum...

Estes portuguezes... estes portuguezes...

Informão-nos que lá pelas *rigides etherias* preprara-se uma formidavel sarabanda aos pobres escrevinhadores deste jornal...

Os manés-setembristas estão irritados, a colera celeste se desencadea com furor nunca visto sobre estes *miseros e desvallidos* mulsumanos...

Temperatura do ar !...

Srs. da panellinha
De Joelhos lhe pedimos,
Tenhão de nós compaixão,

Não consintão, não p rmitam
Morte tão affrentosa !
Qual uma degolação !

Protestos.

Ainda uma vez os amantes da moralidade e decencia publica voem protestar o seguinte:

Protestamos contra o *redingote* de certo pedante, janota de uma figa porque é escarneo a moralidade publica;

— Idem contra a *frequencia e asseduidade* dos Srs. lentes d'aquella casa do —A B C....

— Idem contra a *bonitesa candura e graça* de certo *pergamunista* de jaqueta....

— Idem contra a *golodice* de certo atracador de figura...

— Idem contra a *avelludada* cor de certo municipalista de *chupeta, caximbo e curnimbogue*....

— Idem contra a *philustria* d'aquelle *perendeugue* doutô, engarrado janota, rabequista sem rival...

— Idem contra o delicto incuria e desmassello d'aquelle *moçambique* empregado....

— Idem contra, *ofluencia, eloquencia, arrebatamento, maçãs, uvas, pêras, batatas e ceboulas de certo jornalzinho*....

— Idem contra o *engenho engenhoço, sapiencia e sabedoria do moço louro e azulado*...

Idem contra os SS de certo —cujos...

— Idem contra o astrologo da rua Grande...

— Idem finalmente, contra os effensores da decencia e moralidade publica.

D esta vez caros leitores.

Temos por cá novidade...

Deixou-nos p'ra sempre o João.

Por ter muita actividade...

Esta falta foi suprida

Por lindo e cheiroso cravo

Exultem, todos alegres...

E' tangedor o Gustavo....

NOTICIARIO.

Examcs. — A falta de validade dos exames desta infeliz provincia, tem sido causa de retirar-se d'aqui moços intelligentes que podião fazer aqui seus preparatorios; entre muitos que se tem retirado, parto no dia 1.º do corrente para a capital do Maranhão o nosso amigo Cesar Santos.

Desejamos que faça feliz viagem e que breve trilhe a senda em que se encaminhou.

Theresina — Edictores proprietarios — J. B. Couto, Pedro Leite e A. de Abreu — 1878.